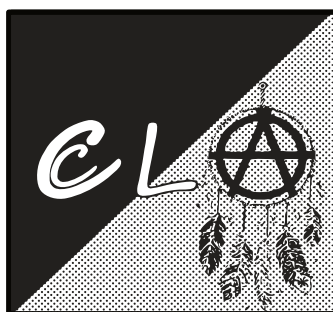


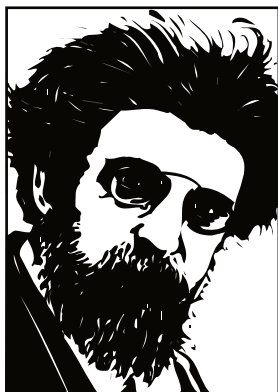
ERICH MÜHSAM
1878-1934



**CENTRO DE CULTURA LIBERTARIA
DA AMAZÔNIA**
RUA BRUNO DE MENEZES
[ANTIGA GEN. GURJAO],
301. CAMPINA. BELÉM, PARA, BRASIL.
SITE: [HTTPS://CCLAMAZONIA.NOLOGS.ORG/](https://cclamazonia.noblogs.org/)

**<https://www.partage-noir.fr>
contact@partage-noir.fr
1990**





Triste paradoxo para Erich Mühsam o de ser, ao mesmo tempo, o escritor anarquista mais mal conhecido e um dos mais controversos! O mais mal conhecido, pois sua obra não foi objeto de nenhum estudo verdadeiro na França [1]. Mesmo nos meios germanistas, contenta-se em evocar seus vínculos com autores expressionistas, e é só isso. Um dos mais controversos no movimento anarquista, pois seus múltiplos erros (embora reconhecidos a cada vez) não deixaram de suscitar des-

confiança, ou até hostilidade, em relação a um militante que acabou por aparecer como uma espécie de criptocomunista.

Hoje, importa restabelecer a verdade e lembrar que sua obra, tanto literária (poesia, teatro, ensaios) quanto política, não é negligenciável. Até aqui, existia apenas uma brochura de Roland Lewin sobre Mühsam [2]. As Edições Partage Noir retomam o bastão e tentarão fazer descobrir seus escritos. Este trabalho de fôlego não passa sem um lembrete histórico.

Erich Mühsam nasce em Berlim, em 6 de abril de 1878, mas passa toda a sua infância em Lübeck. Seu pai é farmacêutico, membro da pequena burguesia judaica. Sigmund Mühsam quer dar a seu filho uma educação muito autoritária, contra a qual o jovem Erich não tarda a se revoltar, não apreciando nem os golpes nem os projetos paternos. Este aprende com horror que seu rebento quer tornar-se poeta! Aos dez anos, Mühsam é enviado ao liceu de Lübeck, onde sofre o mesmo autoritarismo que em casa. Sua natureza rebelde lhe vale numerosas punições. Em janeiro de 1896, ele envia um artigo não assinado ao *Lübecker Volksboten*, o jornal social-democrata local. Nele, denuncia as práticas ditatoriais dos professores. Esse texto provoca um escândalo e, quando Mühsam é desmascarado, ele é expulso da escola por “atividades socialistas”. Finalmente, Mühsam obtém seus diplomas em outro estabelecimento.

Os talentos literários de Mühsam são extremamente precoces: aos onze anos, ele escreve fábulas, e aos dezesseis ganha dinheiro graças a seus versos satíricos. Seu pai quer constrangê-lo a seguir estudos de farmácia, mas Erich Mühsam os abandona muito rapidamente, o que provoca uma ruptura com seu pai. Ele chega a Berlim em 1900 e frequenta os meios literários, ao mesmo tempo em que trabalha em uma fábri-



ca de produtos químicos. Heinrich Hartl o convida a fazer parte do círculo *Neue Gemeinschaft* (Nova Comunidade), que reúne jovens autores oriundos de meios bastante burgueses, mas politizados e partidários de uma vida comunitária. Entre seus membros figuram Peter Hille, Wilhelm Bölsche, Martin Buber e Gustav Landauer. Este último e Mühsam percebem muito rapidamente que, se certas questões materiais são resolvidas em comum (a cozinha, por exemplo), o espírito coletivo se limita sobretudo à discussão. É por isso que eles deixam o círculo. A in-



Peter Hille e Erich Mühsam.

fluência de Landauer é decisiva sobre Mühsam, que descobre graças a ele os escritos anarquistas e passa a admirar particularmente Bakunin. Mühsam escreverá mais tarde: «Eu já era anarquista antes de saber o que era o anarquismo...».

Nessa época, Mühsam envia numerosos artigos a jornais como *Der freie Arbeiter* (órgão da Federação Anarquista Alemã), *Der Anarchist* e sobretudo *Kampf*, revista de um militante anarquista injustamente esquecido: Senna Hoy. De seu verdadeiro nome Johannes Holzmann, ele faz de *Kampf* uma revista com uma tiragem importante para a época: 10.000 exemplares em 1905 [3]. Mühsam edita também um folheto, *Der arme Teufel*, e colabora com vários pequenos jornais. Ele se torna muito conhecido na boêmia e no meio dos cabarés literários. Chega mesmo a ser produtor de um deles: o «Cabaret zum Peter Hille», assim denominado em homenagem a um dos membros da *Neue Gemeinschaft* falecido pouco tempo antes.

A polícia considera Mühsam um agitador perigoso e o vigia constantemente. Entre 1904 e 1907, ele viaja pela Europa, passando pela Itália, pela Suíça — onde confraterniza com Fritz Brupbacher, o biógrafo de Bakunin —, pela Áustria e, por fim, pela França. Lá, frequenta os cabarés do «Lapin Agile» e do «Chat Noir», frequentemente animados por cancioneiros libertários. Mühsam encontra o antimilitarista Gustave



Hervé, o anarquista James Guillaume e antigos comunardos. Ele também toma a palavra em reuniões do clube anarquista alemão de Paris.

Em seu retorno, Mühsam se radicaliza ainda mais nos artigos publicados em *Der freie Arbeiter* e em seu suplemento mensal *Generalstreik* (Greve Geral). Ele convoca à luta antimilitarista, chegando mesmo a sugerir, durante o congresso anarquista de Amsterdã, em 1907, a desobediência civil e a recusa de pagar o imposto para o exército. Da mesma forma, ele preconiza a greve geral, então muito em voga. Por causa de um panfleto sobre esse tema, é preso e condenado a uma multa de 500 marcos, sob a acusação de ter «provocado o ódio de classe e encorajado o desrespeito à lei».

Em novembro de 1908, Mühsam se instala em Munique, onde se havia estabelecido a boêmia literária. A cidade torna-se refúgio de numerosos escritores contestadores e também de revolucionários russos que haviam fugido de seu país em 1905. Esse “melting pot” subversivo tem sua importância, pois explica o papel de Munique na Revolução Alemã de 1918.

Em 1908, Landauer acaba de criar o *Sozialistischer Bund*, federação de quinze grupos unidos pelas teorias originais desse militante (Landauer é, em certa medida, um ancestral do movimento alternativo, mas sempre ligado a um projeto revolucionário). Mühsam funda um grupo local em Munique que recebe o nome de *Tat* (Ação). Mas esse tipo de iniciativa é bastante contestado no anarquismo. Os operários anarco-sindicalistas criticam o elitismo e as teorias excessivamente intelectuais de Landauer. Quanto a Mühsam, ele se afasta pouco a pouco de Landauer no plano teórico, para reivindicar-se do anarcocomunismo.

Mühsam tenta dar a si mesmo uma base revolucionária orientando sua propaganda para o subproletariado, considerado muito promissor por Bakunin em seu tempo. Durante um meeting anarquista, em 1910, Mühsam é acusado por um companheiro de recolher mendigos e frequentadores assíduos de botequins no grupo *Tat*. Mühsam responde que se trata de um exagero, ao mesmo tempo em que reafirma





seu respeito pelos deixados à margem. No jornal *Der Sozialist*, de 1º de agosto de 1909, ele escrevia: «Entre esses homens cujas próprias inclinações e cuja vida fizeram deles rebeldes, (...) não deveríamos encontrar homens que sejam dos nossos, homens cujo instinto de destruição não seja senão a expressão confusa de um desejo positivo de agir...» [4].

Enquanto isso, Mühsam é preso várias vezes, mas ele consegue obter a libertação por falta de provas flagrantes de uma “conspiração”. No entanto, as acusações acabam por destruir o grupo *Tat*. A imprensa (inclusive a social-democrata) se lança contra Mühsam, imputando-lhe todos os crimes. Apesar disso, ele lança um novo jornal: *Kain*, “Jornal da Humanidade”. Nele, critica violentamente as autoridades e defende autores vítimas da censura, como Frank Wedekind. *Kain* alcançará uma tiragem de 3.000 exemplares. Mühsam fará aparecer 40 números, de abril de 1911 a junho de 1914, e depois novamente 13 números, de novembro de 1918 a abril de 1919.

Quando a guerra estoura em 1914, alguns anarquistas — infelizmente prestigiados, como Kropotkin — tomam partido pelos aliados da Entente, enquanto a maioria do movimento permanece antimilitarista. Mühsam comete o erro de seguir os primei-



Kurt Eisner.

ros. Imediatamente, seus antigos amigos, como Landauer, Brupbacher ou o redator do jornal *Die Aktion*, Franz Pfemfert, o colocam no index como nacionalista. Mas Mühsam percebe seu erro (devido, segundo ele, à influência de seus amigos) e se engaja na luta contra a guerra, o que o reconcilia com seus companheiros.

Considerando que os anarquistas, sozinhos, não têm peso suficiente, Mühsam junta-se à *Illegalen Aktion Bund*, que reúne socialistas como Karl Liebknecht ou Kurt Eisner, este último imprimindo uma linha muito moderada à liga. Ele tenta tam-

bém, em 1916, sem grande sucesso, criar uma corrente pacifista com personalidades como o escritor Heinrich Mann ou o professor “Lujo” Brentano. Em 17 de junho de 1916, Mühsam participa de uma manifestação contra a fome.



Em janeiro de 1918, uma greve nas fábricas de Munique permite a Mühsam falar diante de 100.000 trabalhadores e chamá-los à greve geral. Para livrar-se dele, as autoridades lhe impõem um serviço civil, que ele recusa. Preso por insubmissão, é libertado em 5 de novembro de 1918, pouco antes da Revolução Alemã.



Mühsam desempenha um papel essencial na radicalização dos conselhos operários da Baviera estabelecidos após a queda da monarquia bávara [5]. Em 6 de abril de 1919, a República dos Conselhos da Baviera é proclamada contra a solução parlamentar dos social-democratas. Os anarquistas nela desempenham um papel preponderante, mas em 13 de abril, uma tentativa de golpe da guarnição de Munique provoca a prisão de vários responsáveis, entre eles Mühsam. Eles são levados em cativeiro antes que os operários, que haviam retomado a cidade, pudessem se opor. Mühsam é detido na prisão de Ansbach, enquanto os comunistas dominam Munique, cercada pela contrarrevolução. Após a repressão, Mühsam é condenado a quinze anos de fortaleza, em Niederschönenfeld. As condições de detenção são tais que numerosos jornalistas, como Kurt Tucholsky, protestam [6].

Mühsam escreve muito em cativeiro: poemas, uma peça sobre os acontecimentos, *Judas*, uma homenagem a Landauer assassinado durante a repressão aos conselhos da Baviera e suas memórias parciais destinadas a Lênin, *Von Eisner bis Leviné*. Gravemente doente, Mühsam adere ao Partido Comunista em setembro de 1919. Essa adesão, que dura apenas quinze dias, é, no entanto, explorada pela Internacional Comunista, que quer fazer dele um exemplo, apesar da reviravolta quase imediata de Mühsam [7].



As autoridades, desejosas de anistiar Hitler, detido após seu putsch fracassado em Munique em 1923, libertam na mesma ocasião os antigos membros dos conselhos da Baviera a partir de dezembro de 1924.

Mühsam é recebido por milhares de operários na estação de Berlim. Em outubro de 1926, ele funda a revista *Fanal*, que, até julho de 1931, contará 58 números. Publica também numerosas obras, entre elas uma reflexão sobre o sistema dos conselhos, *Die Befreiung der Gesellschaft vom Staat* (*A sociedade libertada do Estado*), e múltiplos estudos sobre a cultura alemã [8].

As atividades de Mühsam são intensas nessa época: campanha por Sacco e Vanzetti, apoio a Durruti e aos outros anarquistas espanhóis no exílio.

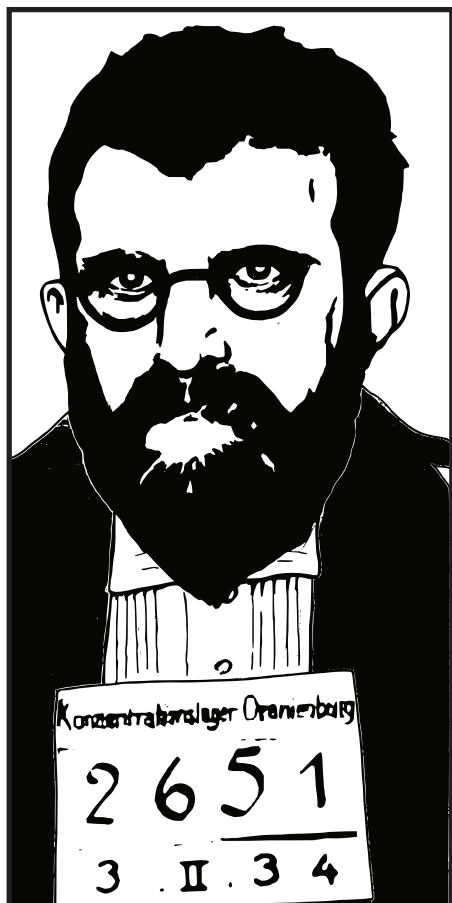
Ele é também um observador atento da ascensão do nazismo e tenta criar uma ampla frente antifascista, o que não tem outro efeito senão o de ser instrumentalizado pelos comunistas (Mühsam fará uma passagem pelo Socorro Vermelho) e de ser designado pelos nazistas como inimigo prioritário. Goebbels o chama de «esse porco de judeu vermelho». O jornal dos nazistas publica na primeira página três fotos, as de Rosa Luxemburg, Karl Liebknecht e Mühsam, com sob a dele a legenda: «O único traidor da equipe que não foi executado». Apesar dessas ameaças, Mühsam não se alarma com a chegada dos nazistas ao poder. Em 20 de fevereiro de 1933, ele dirige o primeiro meeting dos artistas antifascistas de Berlim, com seu amigo Carl von Ossietzky. Pressionado por seus amigos a fugir, ele volta para casa para pegar seus papéis durante a noite do incêndio do Reichstag (27–28 de fevereiro de 1933). É ali que a polícia o prende às 5 horas da manhã.

Deportado para o campo de Oranienburg, Mühsam resiste às provocações dos guardas, que procuram levá-lo ao limite a fim de abatê-lo (quando lhe pedem que cante «Deutschland über alles», ele entoa a *Internacional!*). Finalmente, aproveitando-se do banho de sangue da Noite das Longas Facas — que não atinge apenas as SA —, os nazistas o enforcam na noite de 9 para 10 de julho de 1934 [9].

Após a prisão de Mühsam, sua esposa vai para Praga levando consigo seus arquivos. Convidada a ir para a URSS, Zensl Mühsam é presa durante uma estada em Moscou, em 1936, e deportada para a Sibéria. Após cinco anos de trabalhos forçados, ela é enviada de cidade em cidade até Novosibirsk e, de lá, trazida de volta a Moscou. De



1947 a 1955, Zensl Mühsam trabalha em uma instituição para crianças. Durante a desestalinização, ela é autorizada a se instalar em Berlim Oriental. Muito enfraquecida por sua permanência nos campos, Zensl Mühsam é utilizada pelo regime da RDA e exibida nas cerimônias oficiais. A morte a liberta de seu calvário em 10 de março de 1962 [10].



A obra do anarquista alemão é bem conhecida dos eruditos e dos germanistas. No entanto, até hoje ela não foi objeto de nenhuma publicação na França, enquanto os escritos dos expressionistas e dos autores do entreguerras são elevados ao pináculo. Há aí um fenômeno de ostracismo provavelmente devido a razões políticas.

Alguns textos desta brochura já foram publicados em francês em revistas antigas ou confidenciais: *Judas* é extraído de *La Révolution prolétarienne* (nº 4, abril de 1925), *Istrati* do boletim da *Association des amis de Panaït Istrati* (nº 11, setembro de 1987), os dois poemas sobre a Primeira Guerra

Mundial da revista de Henry Poulaille, *Nouvel Âge* (nº 11, novembro de 1931). Acrescentamos um terceiro poema, *O Revolucionário*, retirado desta vez do livro de Henry Poulaille: *Nouvel âge littéraire* (reeditado pela Plein Chant, Bassac, França, 1986). Outros textos eram inéditos em francês: trata-se de *Onde está o Ziegelbrenner?*, sobre o escritor Traven, de *Teatro proletário*, sobre o encenador comunista Piscator, e de uma carta a Freud. Esses dois artigos inéditos foram publicados em 1927 na revista *Fanal* [11].

Os eruditos que se queixarem de imprecisões certamente nos ajudarão a fazer descobrir a obra desse escritor! Gostaríamos de agradecer a Jean e Frédéric, da *Association des amis de Panaït Istrati*, que contribuíram para esta publicação. Dedicamos, aliás, esta brochura ao grande escritor romeno, que também foi um franco-atirador. Isso se compreenderá ao ler, em Panaït Istrati, a homenagem que lhe presta Mühsam.



Quanto a nós, continuaremos a fazer descobrir o pensamento libertário alemão, após brochuras sobre Johann Most, sobre a República dos Conselhos da Baviera e agora sobre Erich Mühsam. Toda ajuda é bem-vinda nesse campo!

O grupo editor

[1] Mas os trabalhos estão em curso. Ver Françoise Muller: «Erich Mühsam, um escritor libertário contra o fascismo», in *Nazisme et anti-nazisme dans la littérature et l'art allemands*, obra coletiva, Presses universitaires de Lille, Lille, 1986, pp. 145-157.

[2] Roland Lewin: «Erich Mühsam (1878-1934)», suplemento de *Le Monde libertaire*, n° 143 de junho de 1968.

[3] Johannes Holzmann (1884–1914), um antigo professor primário muito ligado a Mühsam, edita por volta de 1904–1905, na Suíça, a revista *Der Weckruf (O Despertar)*. Ele morre na prisão, na Rússia.

[4] Ver as memórias de um antigo membro do grupo *Tat*, Franz Jung: *Der Weg nach unten*, ed. Luchterhand, RFA, 1972. Ver também Françoise Muller: «O grupo *Tat*: ensaio de educação popular por artistas e escritores de Munique», in *Education populaire: objectif d'hier et d'aujourd'hui*, obra coletiva, Presses universitaires de Lille, Lille, 1987, pp. 131–138.

[5] Para mais detalhes, ver: 1919, a *República dos Conselhos da Baviera*, Coletivo Partage Noir.

[6] Sobre esse assunto, ver as memórias de outro protagonista dos conselhos da Baviera, Ernst Toller: *Une jeunesse en Allemagne*, ed. L'Âge d'homme, Lausanne, 1974.

[7] O texto de adesão foi publicado em francês no *Bulletin communiste*, n° 21, de 22 de julho de 1920.

[8] O leitor se reportará com proveito à bibliografia estabelecida por Wolfgang Haug em seu estudo: «Ich bin verdammt zu warten», in *einem Bürgergarten*, ed. Luchterhand, RFA, 1983.

[9] Manès Sperber evoca o fim trágico de Mühsam em sua trilogia romanesca: *Et le buisson devint cendre*, ed. Odile Jacob, Paris, 1990, pp. 248–251.

[10] Rudolf Rocker havia denunciado a sorte reservada a Zensl Mühsam em seu livro: *Der Leidensweg von Zensl Mühsam* (1949). Os papéis de Erich Mühsam estão em Moscou, mas os arquivos da ex-RDA detêm uma cópia.

[11] Os textos são reproduzidos no livro de Wolfgang Haug citado acima. A correspondência de Mühsam foi editada por Ger W. Jungblut em: *Erich Mühsam. In meiner Posaune muß ein Sandkorn sein. Briefe 1900–1934*, ed. Topos, Liechtenstein, 1984.



Desmascarada

A Europa arrancou a própria máscara.

Sem rouge nem pó,
ei-la aí, repugnante, a vagabunda,
fétida, fazendo caretas.

*

Ela jogou fora o falso seio,
o espartilho dos bons costumes.
Em lugar de suas costelas, a puta oferece
baionetas.

*

Europa, fecha a tua camisa!
O espetáculo da nudez
é veneno e carece de gosto.
Estoura, então!

Erich Mühsam
(novembro de 1915)



Epílogo

Tossindo, ponho-me a cantar
um epílogo,
pois as asas se quebraram
daquele que voava rumo ao céu.

*

Ai de nós! A águia voltou a descer
das alturas da glória.
Em sua plumagem tão admirada,
ela agora procura pulgas.

Erich Mühsam
(1919)





O revolucionário

**Dedicado à social-democracia, este poema é, na verdade,
uma crítica às concessões permanentes desse movimento.
Foi publicado na coletânea Der Krater (Berlim, 1909).**

Havia uma vez um revolucionário,
limpador de lampiões por profissão,
que saiu a passo revolucionário
com os revolucionários.

*

E ele gritava: eu revoluciono!
E o gorro revolucionário,
na orelha esquerda,
tornava-o muito perigoso.

*

E os revolucionários marcharam
pelas ruas
onde ele tinha o hábito
de limpar os bicos de gás.

*

Para afastá-los do terreno,
arrancaram os bicos de gás
para fazer barricadas
com as pedras da rua.



*

Mas nosso revolucionário
disse: eu sou o acendedor de lampiões,
eu lhes imploro, não façam nada
a essas boas luzes brilhantes.

*

— Se suprimirmos a luz,
nenhum burguês enxergará direito.
— Deixem os lampiões de pé, eu lhes imploro,
senão eu não faço mais parte.

*

Os revolucionários começaram a rir
e quebraram os bicos de gás.
Então o acendedor de lampiões fugiu,
chorando lágrimas amargas.

*

E ficou em sua casa,
e ali começou a escrever um livro:
«Como se revoluciona
sem demolir os bicos de gás».

Erich Mühsam



Teatro proletário

O teatro de Piscator está aberto. Um dos melhores encenadores do teatro alemão obteve a possibilidade de expressar seu talento — ele, o homem que não quer separar a arte da vida, mas utilizá-la como meio de agitação para melhorar e elevar a vida —, além disso seguindo uma tendência proletária e revolucionária. Eis boas razões para apoiar Erwin Piscator, fazendo-lhe publicidade, e confesso que consenti muito de bom grado a seu pedido para integrar o Conselho Dramático do teatro. Eu apenas gostaria de formular o desejo de que nós, autores do coletivo, sejamos utilizados para outra coisa que não seja fazer figuração, que não seja anunciar o programa apenas com nossos nomes, que não seja sermos considerados responsáveis por pecados por ação ou por omissão aos quais não fomos de modo algum convidados a cometer.

Poderíamos fazer, nós outros, o que quiséssemos: isso é falso, em todos os casos. Ainda vão me acusar de algo como trair o proletariado, a revolução e sabe-se lá o quê, por não ter recusado minha colaboração com Piscator. Seu teatro não tem nada de proletário: portanto, eu não deveria ter me envolvido. Queremos primeiro sair, de uma vez por todas, da sociedade capitalista antes de tocar em qualquer coisa no sistema, não é mesmo? Eu sei bem, meu irmão, que o teatro de Piscator não é um teatro proletário. Sei tão bem quanto vocês que o dinheiro do capitalismo privado permitiu encenar a peça na praça Nollendorf, que é preciso encontrar o dinheiro do aluguel, dos cachês, dos cenários, da administração, dos impostos, além de não poucos outros custos, e que, por essa razão, o preço dos ingressos é tão caro quanto em qualquer outro lugar; sei também que, por outro lado, o acordo de Piscator com a Volksbühne, ainda que tenha permitido aos trabalhadores frequentar o teatro, não oferece nada de especificamente proletário que os outros teatros de Berlim não possam oferecer parcialmente.

Um teatro proletário supõe o direito de decisão dos espectadores quanto ao repertório e às condições de frequência, e para isso, exclusivamente, influências proletárias, isto é, orientadas para objetivos de classe. O trabalho posterior do teatro proletário seria



o encontro ativo entre o palco e a plateia, a criação de um teatro de massas, retomando a arte cênica dos antigos gregos. Nessa direção, as tentativas das sociedades de teatro operário amador devem ser particularmente saudadas, mas elas estão naturalmente ainda muito distantes de seus objetivos e, aliás, não podem alcançá-los enquanto todo o trabalho, inclusive aquele que exige uma qualificação específica, repousar sobre os ombros de amadores. O teatro proletário, sustentado apenas pelo proletariado, oriundo apenas dele, eficaz graças a ele e para ele, não é concebível no ambiente capitalista. O que pode ser realizado hoje não passa de um elemento destinado a preparar a arte de massas por vir.

Um tal elemento de trabalho pode ser realizado, de um lado, pelos círculos de teatro proletário, graças à invenção coletiva de um coro com vocação de agitação, por exercícios de coro falado e mimado, por um treinamento em cenas impactantes a partir de esboços dramáticos preexistentes ou imaginados em consulta com todos os participantes, por ensaios ao ar livre e em outros locais semelhantes. Uma outra parte de tal trabalho caberia, no entanto, em primeiro lugar, aos artistas profissionais que, por convicção, pertencem ao proletariado revolucionário. Assim como nós, eles não podem exercer sua especialidade fora das condições capitalistas. Devem, portanto, utilizar as facilidades capitalistas que se lhes oferecem. É isso que faz Piscator com atores e colaboradores socialistas e comunistas de seu teatro. Estamos prontos para isso, todos nós que ele reuniu ao seu redor para aconselhá-lo.

O primeiro espetáculo mostrou bem — mostrou muito bem, inclusive — o caminho do teatro proletário no plano da técnica e da encenação. Tornou-se claramente evidente que a arte da cena — e isso vale para todas as artes, como o confirma a música de Meisel — é estrangida, pelos meios que lhe são próprios, a renunciar ao caráter de espelho de um destino individual para tornar-se o reflexo de uma experiência coletiva. A técnica industrial tornou-se um meio artístico indispensável, que condiciona o acesso de toda arte às formas de expressão correspondentes às relações sociais atuais. A técnica, como órgão do espírito artístico, conduz necessariamente à espiritualização da técnica por meio da arte. O reconhecimento dessa interação e sua colocação em cena viva constituem o mérito artístico e pedagógico de Piscator. Realizar a síntese da arte e da vida, no entanto, lhe será recusado no seio de uma empresa tea-



tral capitalista, assim como a qualquer teatro proletário, por mais preciosas que sejam suas realizações. Trata-se de uma utopia que se tornará realidade quando não houver mais proletariado, quando a força criadora de uma personalidade artística produtora de cultura tiver se fundido com a força criadora de um espírito coletivo produtor de cultura.

Quanto a mim, como ignoro como se pode sair da sociedade capitalista, tenho a intenção de consagrar minha paixão revolucionária à destruição da sociedade capitalista e de utilizar meu amor pela arte e pelo teatro — acredito poder fazê-lo — para fazer avançar o espírito revolucionário e preparar o homem de amanhã. Aquele que, com esse objetivo, recorrer à minha ajuda, a encontrará em retorno.

Erich Mühsam

Fanal, outubro de 1927

O teatro de Piscator

Em *Le Théâtre politique* (éd. de l'Arche, Paris, 1972), Erwin Piscator cita um projeto de «diretrizes para o coletivo de teatro da Piscator-Bühne», que ele atribui a Mühsam. Trata-se, sem dúvida, de um exemplo da «boa vontade, do devotamento à causa comum e do espírito de sacrifício que caracterizaram fortemente a primeira temporada da Piscator-Bühne» (nas palavras de Erwin Piscator).

1. O coletivo da Piscator-Bühne é um órgão corporativo fundado em relações amistosas. Ele é constituído por amantes da arte animados por um espírito revolucionário, que assumem o compromisso mútuo de supervisionar o programa e as realizações da Piscator-Bühne, de aconselhar constantemente a direção e de assumir a responsabilidade comum pela Piscator-Bühne.

2. O coletivo decide com total independência sobre sua composição, sem outra preocupação que não seja manter o nível ideológico do teatro e sua eficácia política. O número de colaboradores do coletivo não é limitado. Colaboradores podem ser recrutados por cooptação, se necessário, para uma colaboração única e ocasional. Em re-



gra geral, uma colaboração só pode cessar com base em um acordo amistoso, implicando uma declaração comum e pública das partes. Essa declaração nunca assumirá um caráter difamatório. As exclusões decididas contra a vontade do colaborador excluído só podem ser pronunciadas pelo coletivo convocado para esse fim e por ocasião de uma sessão à qual devem assistir pelo menos dez membros do coletivo, sendo exigida uma maioria mínima de sete sobre dez.

3. O coletivo distribui todos os trabalhos (elaboração e escolha definitiva do repertório, organização do estúdio, redação do programa etc.) como entender entre seus membros e entre comissões formadas após exame das competências e acordo mútuo; em certos casos, o coletivo reserva-se o direito de tomar uma decisão de conjunto. O trabalho coletivo não é remunerado nem fixado por escrito segundo normas anteriores à experiência.

4. Toda a atividade do coletivo e de seus comitês funda-se nos princípios fundamentais do livre consentimento, da igualdade de direitos e da responsabilidade individual na consciência da responsabilidade coletiva. Será deixada à iniciativa pessoal de cada membro do coletivo a parcela de liberdade necessária a um trabalho realizado com alegria e conciliável com o conceito de uma coletividade fundada na camaradagem e em uma ideologia comum precisa. O peso do trabalho repousa essencialmente sobre os ombros dos membros das comissões. O coletivo reunir-se-á ao menos uma vez por mês para ouvir e discutir o relatório de trabalho das seções e outra vez para ser informado pela direção da Piscator-Bühne sobre a atividade e os projetos do teatro.

Judas

«Drama operário em cinco atos»

Este «drama operário em cinco atos», publicado em Berlim em 1921, foi encenado pelo teatro de Piscator. La Révolution prolétarienne, nº 4 de abril de 1925, publicou uma tradução do primeiro ato de Judas. Apresentamos aqui



um excerto. A cena se passa em 28 de janeiro de 1918. Operários estão reunidos na casa de um deles, Klagenfurter, que acaba de ser incorporado. Chegam uma estudante, Flora, e um escritor, Tiedtken.

Flora — Saiu uma edição especial. Tiedtken pode lê-la.

Tiedtken (tira a folha do bolso) — Aqui está. (Ele lê): «À população!

Desviados por agentes do inimigo e por agitadores inconscientes...»

Dietrich — Naturalmente! Canalhas!

Braun — Cala a boca, Dietrich!

Tiedtken — «...os operários de algumas empresas berlinenses abandonaram o trabalho. Eles apresentam ao governo esta reivindicação insensata: oferecer a paz ao inimigo, e o ameaçam instituindo conselhos operários...»

Schenk (a Flora) — Graças a Deus! Nenhuma reivindicação sobre salários.

Tiedtken — «Conscientes de seu dever patriótico, a grande maioria dos operários não seguiu a ordem frívola de proclamar a greve geral. Antes de tudo, os representantes autorizados da classe operária, o partido social-democrata e a comissão sindical, repudiaram energicamente qualquer conivência com os elementos de traição.»

Dietrich — Ah! Ah! Lá estão eles, como sempre!

Tiedtken — «É verdade que a extensão do movimento não pode ser delimitada com exatidão...»

Trotz — Isso já soa melhor.

Tiedtken — «...e que focos menos importantes da empresa criminosa se acenderam em outras localidades, a maioria, contudo, já sufocada no nascedouro. Suspeita-se com toda a razão de que, também em nossa cidade, algumas pessoas se esforçam por introduzir a agitação e o descontentamento nas fileiras da população operária. Essas pessoas são bem conhecidas das autoridades...»

Maria — Steffi, você acredita nisso?

Klagenfurter — Calma, minha querida. São procedimentos de intimidação.

Tiedtken — «...Confiando no sangue-frio comprovado e no sentimento patriótico de nossos operários, advirto que toda participação na preparação de um complô será reprimida da maneira mais severa. O povo alemão trava há três anos e meio uma luta



heroica para se defender contra um mundo de inimigos. As façanhas sem igual de nossos soldados libertaram do terror da invasão as fronteiras da pátria, que amamos acima de tudo. O colosso russo jaz por terra, desmoronado...»

Dietrich — E eles o pisoteiam neste exato momento, saqueiam-no, os canalhas!

Braun — Silêncio! Queremos ouvir.

Tiedtken — «...As ações heroicas de nossos submarinos estão prestes a obrigar a ajoelhar-se nosso adversário mais falso e mais perverso, a pérfida Álbion. Basta perseverar ainda um pouco e todos os nossos inimigos serão abatidos. Obteremos uma paz que satisfará a honra e a segurança da Alemanha e assegurará definitivamente a existência do povo alemão. Neste momento, importa reunir até as últimas forças. Quem entra em greve a esta hora arranca o fuzil das mãos de nossas bravas tropas e comete uma traição contra a pátria. Em consequência, proíbo toda greve, toda aglomeração na rua, toda reunião não anunciada por escrito com quarenta e oito horas de antecedência. Quem quer que, na fábrica ou em qualquer outro lugar, provocar a greve, distribuir panfletos, proferir discursos incitadores, espalhar notícias falsas, transgredir minhas ordens de uma forma ou de outra, será processado por traição e preso imediatamente. Contra todo ajuntamento sedicioso, será feito, sem qualquer reserva, uso das armas.

O general comandante, barão de Lynchenheim».

Dietrich — Que venham, os cães!

Schenk — Sim, mas primeiro precisamos saber o que temos a fazer.

Flora — Continue a ler, Rudolf, ainda há mais alguma coisa.

Braun — Estou curioso para conhecê-la.

Tiedtken (lendo) — «Camaradas! Operários e operárias organizados!...»

Faerber — O quê? No mesmo jornal?

Tiedtken — Diretamente a seguir... continuo: «O partido social-democrata e o cartel dos sindicatos livres condenam da maneira mais formal a tentativa de operários desviados ou embriagados por fontes impuras...»

Trotz — Inaudito!

Tiedtken — «...de golpear pelas costas, no momento em que a vitória decisiva se anuncia próxima, os proletários que lutam no front. Suplicamos insistentemente aos



camaradas que observem a disciplina proletária, que não se deixem arrastar por agitadores irresponsáveis, provavelmente a soldo da Entente...»

Faerber — Mais uma vez!

Dietrich — Os cães!

Tiedtken — «...a atos arbitrários, e que denunciem imediatamente todo indivíduo que empreender fomentar a desordem...»

Dietrich — Bando de porcos! Era preciso esmagá-los!

Klagenfurter — Silêncio!

Tiedtken — «...Proletários! O governo alemão provou que estava disposto a pôr fim à guerra assim que isso fosse possível. Sua oferta de paz aos inimigos foi, no entanto, repelida com desdém e sarcasmo. Em consequência, é preciso aguentar ainda um curto lapso de tempo. Após a guerra, chegará o momento em que nós também, operários, faremos valer nossas reivindicações. Neste momento, nenhuma discórdia entre alemães! A própria classe operária suportaria as consequências. Tenham confiança nos chefes autorizados do proletariado: é o caminho mais seguro e mais rápido para alcançar a paz tão desejada.

O partido social-democrata, por ordem, Gerhard Weber

O cartel dos sindicatos livres, por ordem, Jacob Tann».

Schenk — Não temos tempo a perder. Em três dias, tudo deve estar parado, no máximo em três dias.

Dietrich — Em três dias? Amanhã de manhã!

Trotz — Como você quer chegar lá, garoto? É preciso estar bem organizados. Talvez consigamos até depois de amanhã.

Flora — Um instante ainda. Há telegramas no jornal. Estima-se o número de grevistas entre 100 e 150 mil.

Schenk — Se eles admitem esse número, há 500 mil.

FIM



Panaït Istrati



Em seu artigo «Literatura polêmica», publicado em *Fanal*, Mühsam passa em revista um certo número de testemunhos ligados à guerra de 1914 e depois evoca sucessivamente Barbusse, Istrati e Trotski, bem como suas posições respectivas sobre a URSS. No que diz respeito ao escritor romeno Panaït Istrati, trata-se de seu livro *Vers l'autre flamme*, que relata sua viagem à União Soviética. Essa obra lhe valeu um ódio histórico de seus antigos amigos comunistas, em particular por parte do escritor Henri Barbusse, desde o seu lançamento, em 1929.

Ainda me resta dar conta dos três livros sobre a Rússia do grande escritor-operário Panaït Istrati. Mas como falar desses livros arrebatadores de outro modo senão aconselhando-vos, suplicando-vos, conjurando-vos assim: leiam, leiam-nos! — eu não sei.



Aqui, a voz de um homem decepcionado, profundamente ferido no coração e no cérebro, de um homem cuja revolta é imensa, lança um grito de acusação; ele acusa aqueles em quem teve fé, com quem combateu, esperou, sofreu, a quem deu sua confiança, que acreditava serem os garantes da felicidade e do futuro da Revolução Russa.

Esses livros são escritos por um proletário, por um revolucionário, por um grande amigo do operário e do camponês russos; foram escritos por um homem que deveria escrevê-los com o próprio sangue para não sufocar sob um silêncio mentiroso.

Dever-se-ia começar pelo terceiro volume: *Os números falam*. Barbusse o diz muito bem, ele também: «Uma única atitude é válida: estudar minuciosamente e cientificamente a realidade da República Soviética, confiar unicamente nos fatos mais exatos e nos números para formar uma opinião, e então tornar essa opinião conhecida, com tudo o que ela implica, da maneira mais ampla possível». É isso que faz Istrati. Barbusse acredita fazê-lo igualmente.

Comparai, camaradas, os documentos de Istrati e os de Barbusse. Dizei depois: Istrati está comprado! Mas lede em seguida o primeiro volume e o segundo — e, entre esses, lede ainda e sempre Barbusse e a imprensa bolchevique, assim como os escritores stalinistas, a fim de comparar, sem exercer o vosso ódio, sem derrubar maldosamente os altares. Não digo: acreditem em Istrati; digo apenas: leiam Istrati! Aquele que, após a leitura dos dois primeiros volumes, prefere acreditar em Stálin, que o faça. No fim das contas, até mesmo os Paul Albrecht agem de boa-fé. Pois, como diz Istrati, ao reconduzir às suas motivações mais profundas os «hosanas» dos cidadãos de prestígio: «É preciso ser justo: um país, e sobretudo um país assim, não convida ninguém para lhe mostrar seus montes de esterco». Leiam Istrati. Mesmo que isso doa, vale mais entregar os profanadores à vingança dos crentes do que desmascarar sua obra para fazer crer que o templo não foi profanado.

Se a Revolução Russa já estivesse perdida, poder-se-ia, por desespero, mentir com os mentirosos; mas Istrati tem razão quando diz: «Os trabalhadores russos têm toda razão para acreditar em seu futuro». É por isso que é preciso falar e nada omitir da realidade! Istrati nada omite. Que os homens no poder vejam nisso uma ameaça ao seu poder: a verdade vale mais do que o desejo de poder.



Ret Marut (Traven)

Publicado em *Fanal* em 1927, este texto é um apelo de Erich Mühsam a seu companheiro Ret Marut, também conhecido como o escritor Traven, então perambulando pelo mundo antes de se fixar no México. Convém notar que o passado anarquista de Traven é sistematicamente ocultado nos meios literários, ao menos na França.

Um leitor de *Fanal* saberia onde se encontra o Ziegelbrenner [1]? Ret Marut, camarada, amigo, companheiro de luta, homem, manifesta-te, mexe-te, dá sinais de vida;



Gustav Landauer

agora resultou de um julgamento partidário e confuso, inspirado pela estupidez e pelo ódio, de maneira injusta e farisaica. Eu também sou demasiado parte interessada, demasiado estreita e pessoalmente implicado nos acontecimentos, demasiado pro-

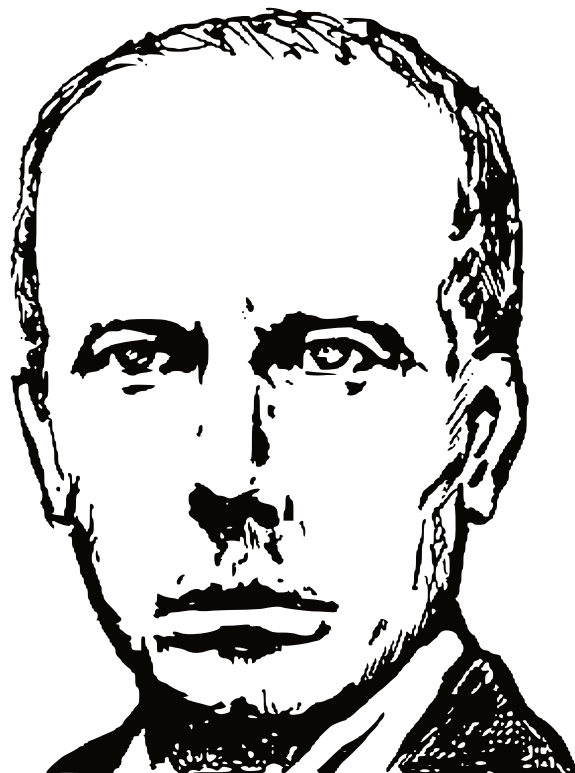
teu coração não se tornou o de um «bonzo», teu cérebro não se esclerosou, teu braço não ficou paralisado, teu dedo não se entorpeceu. Os bávaros não te apanharam em 1919; eles já te tinham pelo colarinho quando tu ainda lhes escapaste pela rua. Do contrário, hoje sem dúvida te encontrarias lá onde estão Landauer e todos os outros, esses espíritos ainda vivos, lá onde eu também estaria se não me tivessem apanhado quatorze dias antes e arrastado para fora desse centro onde se assassina.

Agora eles não podem mais te levar. A anistia do ano passado deve aplicar-se a ti. Um dia virá em que se estabelecerá, diante da história, a formação e o desenrolar da «Comuna» bávara. O que houve até



fundamente envolvido nas controvérsias sobre os erros e os méritos dessa Revolução para poder ser seu historiador com suficiente objetividade.

Tu eras o único ativo nos acontecimentos e, ao mesmo tempo, capaz de ver com o distanciamento necessário o que ia mal, o que se queria de bom, o que se empreendia de justo e o que se deveria ter empreendido de mais justo. A sucessão de Landauer, suas cartas, seus discursos, sua ação no final — tudo isso deverá, em pouco tempo, ser submetido à crítica pública. Tu estavas a seu lado; foste seu adjunto, seu estimulador quan-



Ret Marut

do ele era Comissário do Povo para a Informação e a Propaganda. Precisamos de ti. Quem conhece o «fabricante de tijolos»? Quem, entre os leitores de *Fanal*, sabe onde se pode encontrar, tocar Ret Marut? Que aquele que possa encontrá-lo remeta este número. Muitos pedem notícias suas, muitos o aguardam. Lançamos um apelo.

Erich Mühsam, *Fanal*, abril de 1927



Otto Gross

Otto Gross (1877–1920), aluno de Freud, tentou elaborar um método de psicanálise anarquista. Seu êxito junto a Mühsam justifica a publicação da carta que este último dirigiu a Freud, a quem ele parece atribuir todo o mérito de seu restabelecimento! Sobre o tema, ver Otto Gross ã Revolução no divã (ed. Solin, Paris, 1988).

Muito honrado professor,

Sou-lhe devedor da cura de uma grave histeria que seu aluno, o doutor Otto Gross, de Graz, obteve em mim segundo o seu método. Espero que o relato de um paciente, sobre um tratamento catártico plenamente bem-sucedido, apresente interesse suficiente para justificar esta carta.

Eu sofria de sintomas patológicos graves: uma forte irritabilidade que conduzia a acessos de raiva, terminando em estados nebulosos durante os quais eu permanecia deitado, privado de todo controle de meus sentidos, e sem poder reunir a energia necessária para mover-me e agir. Por vezes, os ataques levavam a estados de completa confusão mental e provocavam até mesmo disfunções de certos sentidos, como uma cegueira temporária total.

O doutor Gross, com quem eu mantinha relações amistosas, falou-me longamente do método e aceitou tratar-me a meu pedido. O êxito superou todas as expectativas. Fui completamente curado no espaço de cerca de seis semanas. Eu desejava que as observações que fiz durante o tratamento não lhe permanecessem desconhecidas. (...)

Observei progressivamente como a capacidade nascente de reconduzir os sintomas de minha doença às suas causas profundas acarretava cada vez mais o seu desaparecimento, e pude constatar por vezes como, subitamente, um conjunto inteiro de males se desprendia de mim graças a uma pergunta do médico e à resposta que se seguia, com suas associações. Do mesmo modo, fora das sessões e após o término do



tratamento, o método continuava a funcionar em mim, automaticamente: ao fixar-me espontaneamente em um objeto, uma palavra, uma impressão, eu me libertava das criptomnêsias [1]; ficava assim livre de outras inibições pesadas.

Como escritor, eu estava naturalmente particularmente interessado no funcionamento de seu sistema. A meu ver, seu valor residia sobretudo no fato de que a tarefa do médico era essencialmente fazer com que o paciente se tornasse seu próprio médico. O paciente começa por diagnosticar sua patologia. Com base nisso, ele passa então a dirigir o seu próprio tratamento. É levado a não mais interessar-se por si mesmo enquanto indivíduo sofredor, mas pelo próprio sofrimento. Ele objetiva sua doença. Já não se considera importante como paciente digno de compaixão, mártir afetivo e histerico em busca de cura, mas, ao contrário, como um médico — não mais como alguém que sente a doença, mas como alguém que a observa. Essa transformação das sensações subjetivas em valores objetivos é o processo da cura.

Eu temia que o tratamento pudesse paralisar minha produtividade de poeta, pois a produção artística consiste, afinal, na projeção direta, sem elaboração intelectual, de processos subconscientes (em um vivido sensorial). Eu acreditava que a simples modificação psicológica de um tal processo bastaria, no futuro, para pôr em funcionamento um julgamento intelectual a seu respeito. Hoje, posso declarar com alegria que esse receio não se confirmou. Ao contrário, meu psiquismo tornou-se mais sensível, graças à supressão de inúmeros fenômenos perturbadores que se haviam colocado em torno do núcleo do meu ser. Ele reagiu mais facilmente a influências que estimulam a produção artística. (...)

Agradeço a ambos pela libertação de um peso imenso que me esmagava e pelo enriquecimento de conhecimentos infinitamente preciosos. (...)

**Seu muito dedicado,
Erich Mühsam, escritor**

[1] Criptomnêsias: coisas ouvidas, retidas pelo subconsciente e que ressurgem subitamente durante uma crise de histeria.



Erich Mühsam

(1878-1934)

A personalidade e a ação de Erich Mühsam são por vezes estudadas. Com efeito, ele desempenhou um papel importante no movimento anarquista alemão. Mas sua obra ainda permanece por descobrir na França.

Esta brochura reúne principalmente artigos inacháveis ou inéditos em francês. Ela mostra um aspecto pouco conhecido da obra de Mühsam, o do escritor, do crítico ou do dramaturgo, mas privilegia suas posições sociais.

PARTAGE NOIR — 1990